



O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL

Ana Raquel Farias Lima Ramos

Maria Suely da Costa

José Hilton Silva Dantas

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) anarflramos@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) mscosta3@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) josehsdantas@gmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva tratar as contribuições da Literatura de Cordel no contexto do Ensino Básico (9º ano), na perspectiva do letramento literário. A justificativa é que o letramento literário, no âmbito escolar, possibilitará ao indivíduo um olhar mais crítico-reflexivo, ampliando maneiras de compreender, questionar, interpretar, interagir e produzir textos; pois conforme detectamos, muito do que é lido em sala de aula, é voltado apenas para o livro didático, o qual deixa a margem a Literatura de Cordel. Dentre os estudos da fundamentação teórica, destacam-se Cosson (2014), Colomer (2007), Street (2014), Lajolo (2008), Soares (2014), Cavignac (2006), Spivak (2014), entre outros. A pesquisa-ação, em andamento, tem como procedimento metodológico a leitura do texto literário e a análise qualitativa dos gêneros discursivos produzidos pelos alunos. Conclui-se que o letramento literário, através do cordel, tem se efetivado ao passo que o aluno agrega valores à literatura e busca, fora dela, elementos para a compreensão do texto, desta forma, aproximando a leitura de sua realidade social.

Palavras-chave: Letramento, Ensino, Cordel.

1 INTRODUÇÃO

Como docentes, cabe-nos uma reflexão sobre o uso do letramento literário no âmbito escolar: estamos permitindo um leitor mais crítico, proporcionando habilidades entre leitura e escrita? Estamos disseminando simulacro de letramento, onde uma simplória leitura de um texto literário seria o bastante? Com esta reflexão posta, compete-nos unir as contribuições do letramento literário com a perspectiva de potencializar as práticas utilizadas pelos docentes, contextualizando-as com a comunicação social em que o aluno está inserido, conduzindo a leitores mais aguçados. Na busca de tentar preencher determinada lacuna, entre o texto literário e uma formação mais crítica do leitor da série final do ensino fundamental, surge a proposta de repensar a formação de leitores à luz do



letramento literário. Posto que, a leitura literária apresenta-se como uma leitura prazerosa e capaz de despertar vários sentidos no leitor, entre eles, a representação afirmativa de sua identidade e promover uma leitura crítica do mundo.

Assim, ao trabalhar com o Letramento literário e a literatura de cordel, desenvolvemos esta pesquisa-proposta em uma turma do 9º ano de ensino fundamental, de uma escola pública do estado de Pernambuco. Doravante, nosso trabalho inicia-se sob a prática de letramento literário tendo como objeto de estudo, o cordel, utilizando obras da autora Jarid Arraes, poetisa, escritora e cordelista, entre ela: *Carolina Maria de Jesus*, com anseio que a obra analisada pudesse aludir as expectativas dos nossos alunos-leitores, uma leitura a qual eles se vissem sujeitos pertencentes daquilo que leem, portanto, optamos por ícone de personagem feminina da literatura negra.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A literatura de cordel: aspectos históricos e sua importância na sala de aula

A literatura humaniza, aproxima os seres humanos, faz com que sentimentos sejam compartilhados, torna leitor e autor cúmplices. Ao levar a literatura de cordel para o espaço escolar estamos procedendo na valorização desta literatura e abrindo espaço para que as sensações, as lutas, as reivindicações e a visão de mundo da comunidade sejam ouvidas. Mas, também, estamos dando espaço para que os estudantes tenham acesso a uma nova forma de produzir arte e propiciando a nossos alunos uma forma a mais de conhecer uma cultura, uma forma de estar no mundo e de expressar os sentimentos, para tal fim, destacamos três visões de dos pesquisadores: Pinheiro (2013), Luciano (2012), Cavnac (2006), Cascudo (1984):

Pessoas não letradas têm muito a ver com a característica oral do cordel que, mesmo sendo transposto para o papel, ainda assim guarda indícios de sua sonoridade, musicalidade e filiação com as manifestações orais de literatura:

A literatura de cordel, no contexto dos primeiros cinquenta anos do século XX, foi apreciada em sua quase totalidade oralmente por pessoas simples, totalmente analfabetas ou, no mínimo, com baixo nível de escolaridade. Os folhetos eram normalmente cantados ou recitados em pequenas comunidades de leitores nos mais diversos pontos da região – feiras, fazendas, casas de moradores, farinhadas, encontros no ambiente de trabalho, como roçados etc. Mesmo escritos, os folhetos tinham uma recepção marcada pela voz, e, muitas vezes nos espaços de venda, sobretudo nas feiras, através da apresentação ao vivo do vendedor (PINHEIRO, 2013, p. 39).

Destaque-se, porém, que embora Pinheiro (2013) trate da comercialização nas feiras, o cordel, principalmente nos dias atuais, vem ganhando cada vez mais espaços. Assim, conforme Aderaldo Luciano:

Realmente, durante bom tempo o cordel foi vendido dessa forma, os últimos dez anos viram essa prática mudar. Em sebos e livrarias já encontramos cordéis expostos para venda, sem que sejam necessário o pregão [oral]. Nas bienais de livro pelo Brasil encontramos estandes com folhetos de cordéis expostos como qualquer outro livro, facultando-se ao leitor folhear, ler um pouco, atualizar-se e decidir o que fazer (LUCIANO, 2012, p. 64)

No Nordeste, temos uma característica peculiar em relação a isso porque convivem, ainda, dois tipos de tradição que podem ser descendentes da cultura medieval. Trata-se da convivência simultânea do cordel e do repente. Neste sentido, temos duas tradições riquíssimas ancoradas na oralidade, explorando a sonoridade das palavras, o que significa que o nosso povo é extremamente musical.

O fato de o cordel ser transposto para o papel, contudo, não anula sua possibilidade de permanecer sendo compartilhado oralmente. Ao manter no papel as características da oralidade que lhe servem de inspiração, o cordel permanece sendo muito atrativo à declamação. De forma que,

Mesmo que se trate de uma literatura escrita, a transmissão do cordel é essencialmente oral: analfabetos compram regularmente folhetos e pedem a um vizinho ou a um amigo que os leiam (CAVIGNAC, 2006, p. 71).

Estudos mostram que, durante muito tempo, o cordel foi consumido não por um público que sabia ler, mas principalmente por um público que sabia ouvi-lo. Considerando que os leitores eram poucos, havia mesmo o hábito de adquirir os folhetos e pedir para outros fazerem a leitura. Era muito comum que os mais velhos pedissem aos mais jovens que tiveram oportunidade de se alfabetizar para ler os poemas. Segundo Cascudo (1984):

A literatura oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar (CASCUDO, 1984, P. 29).

Assim, a contribuição destes povos não pode ser compreendida apenas como algo do passado. Como salienta Cascudo (1984), tais povos



trouxeram sua contribuição para “a memória e uso do povo atual”. Assim, cabe destacar esta diversidade e buscar trazer para o contexto atual todo esse rico histórico de tradições dos povos citados. Já no final do século XIX, mas principalmente a partir do início do século XX, o cordel passa a ganhar uma estrutura bem delineada, com elementos que a partir de então vão identificar o gênero até os nossos dias.

Sobre a literatura de cordel na sala de aula por ser uma manifestação poética bastante popular, o cordel já foi muito marginalizado no Brasil. Um fato interessante a ser considerado na questão no decorrer deste trabalho com cordel em sala de aula diz respeito ao pouco espaço que é dado a este tipo de poesia nas escolas. Ao contrário de servir de espaço de atuação e troca de experiências, de preparação do aluno para agir livre e ativamente dentro e fora de seu grupo, à escola acaba sendo espaço de segregação, ao afirmar que as vivências e a cultura dos alunos não é passível de ser entendida como válida para uma situação de ensino.

Com relação à ligação do cordel com a cultura, com os valores de uma comunidade, é interessante aquilo que diz Terry Eagleton (2011, p. 10), no texto A ideia de cultura, destaca uma situação paradoxal:

Embora o termo “cultura” tenha origem na agricultura, como sinônimo de cultivo, manejo da terra, é atualmente, entre aqueles que cultivam a terra, trabalham-na para tirar o seu sustento, que a sociedade enxerga menos cultura. Ao contrário, os habitantes das zonas urbanas são tidos como “cultos”, letrados.

Ao colocar a cultura como algo avaliável dentro de um determinado padrão, a classe dominante espera continuar dominante, porque sabe que as formas de expressão cultural das outras classes são formas de contestação, são formas de se fazer ouvir, ainda que maquiadas pelo humor, pela sátira, pela simplicidade de uma história de amor. Porque o modo de amar, ou de idealizar o amor, é também uma forma de agir em sociedade e de mostrar ao outro a sua forma de ver as coisas.

3 LITERATURA POPULAR E LETRAMENTO

O conceito de letramento não abandona a noção de alfabetização, de aquisição de um código, mas acaba por extrapolar esta aquisição, na medida em que tem consequências em vários setores de sua vida. Portanto, são fases de um mesmo processo, onde a alfabetização é o primeiro passo para que o indivíduo comece a atuar de forma mais independente e significativa no seio de sua comunidade. Tal fato ocorre porque, como bem diz, ainda, Magda Soares,



Conhecemos bem, e há muito, o estado ou condição de analfabeto, que não é apenas o estado ou condição de quem não dispõe da “tecnologia” do ler e do escrever: o analfabeto é aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas e, mais que isso, grafocêntricas (SOARES, 2014, p. 19 – 20).

O acesso ao letramento é, para muito além de um acesso à letra, ao livro, ao texto, um acesso à cultura, à inserção social, a uma forma de inserir-se realmente no seio da sociedade contemporânea. Isto porque, sendo “grafocêntrica”, a sociedade contemporânea tende a excluir aqueles que não têm acesso à leitura e à escrita, surgindo assim a necessidade do letramento como uma forma de mudança social, de garantir ao indivíduo os meios de buscar os seus direitos mais elementares. Neste mesmo sentido podemos citar aquilo que afirma Brian Street acerca da necessidade de considerar-se o letramento de uma perspectiva mais ampla:

A tendência tem sido no rumo de uma consideração mais ampla do letramento como uma prática social e numa perspectiva transcultural. Dentro desta perspectiva, uma mudança importante foi a rejeição por vários autores da visão dominante do letramento como uma habilidade “neutra”, técnica, e a conceitualização do letramento, ao contrário, como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos (STREET, 2014, p. 17).

Tais colocações nos mostram como uma educação voltada para o letramento pode ser uma importante forma de proporcionar ao indivíduo a possibilidade de inserção em vários setores e em várias práticas sociais. Ler e crescer a partir da leitura, entrar em contato com os modos de produção de um grupo ou uma comunidade e aprender com esta leitura a atuar dentro do contexto social; fazer da ludicidade do contato com a obra o primeiro momento de um complexo processo de construção de sentidos e de aprendizado de relações, de formas de agir. Os estudos sobre o letramento e, mais especificamente, em relação ao letramento literário, mostram o quanto é importante colocar este conceito como uma das noções basilares a influenciar e dar norte à educação.

Sem desconsiderar as demais formas de expressão, a inclusão de um cordel afrobrasileiro tem o objetivo de proporcionar ao aluno o contato com mais uma entre as muitas formas de expressão, chegando, assim, ao que Colomer destacou no seu texto: “o confronto entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade social e cultural” (2007, p 31)

É a ligação com o cotidiano que se constitui no ponto fundamental da prática. O leitor crítico não é aquele que decora conceitos acerca do que ele nunca vivenciou, mas sim aquele que consegue estabelecer relações entre o que lê e seu contexto social, sua cultura, sua história de vida e dos seus semelhantes. Daí a importância, também, de selecionar obras atuais, ligadas ao contexto do aluno, que facilitem a compreensão e a associação com o seu contexto social: “O letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos” (COSSON, 2014, p 34).

A compreensão é que se o aluno for capaz de estabelecer relações entre o que lê e a sua realidade, o que vive ou viveu, ou que seus pares vivem ou viverem, neste momento o trabalho com a literatura terá alcançado um de seus principais objetivos, terá chegado, enfim, a significar algo dentro da escola. Rildo Cosson (2014) também argumenta que a literatura pode facilitar a compreensão e a interação com o mundo, algo que ultrapassa a simples leitura:

É justamente por ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem (COSSON, 2014, p. 30).

O que Cosson afirma é, com outras palavras, que a leitura simples, sem que se saia do que está no papel para chegar à vida, seria apenas uma decodificação, uma leitura que não possibilitaria o conhecimento do mundo. O letramento, ao contrário, cria a possibilidade de conhecer melhor o mundo porque permite que se veja este mundo através da linguagem. A leitura, por mais que seja uma atividade realizada num momento de isolamento ou tendo em vista um único tema ou propósito, não pode perder de vista o objetivo final de ser, acima de tudo, social e diversificada. Mas diversidade na escola e na sala de aula só se caracteriza realmente como uma condição inclusiva se começar ainda no planejamento do professor. Isso porque a escolha da prática, o planejamento das atividades, a escolha das obras é fundamental para garantir a inclusão. Conforme destaca Lajolo (2008, p. 66) durante muito tempo as atividades, os textos abordados, os manuais didáticos, tudo enfim utilizado pela escola atendia aos interesses dela e da classe para a qual ela atuava.

Desta forma, os personagens, os autores estudados, tudo estava de acordo com o modelo de aluno que a escola queria formar.

Hoje já não existe um modelo a ser buscado. A escola é uma escola de todos e esta variedade deve começar no plano micro, nas escolhas das obras, no desenvolvimento das atividades, nas discussões. A partir daí é que será possível chegarmos a um ambiente escolar inteiramente tomado pela diversidade de colocações e de ideologias, dando, por isso mesmo, voz a todos e sendo um local de afirmação e de formação adequada também para todos. Rildo Cosson é bastante enfático ao afirmar que a escola tem a obrigação de pensar práticas de letramento e proporcionar a melhor formação possível neste ponto:

Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social, e como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alertas Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2014, p. 23).

A reflexão, portanto, deve estar na forma como proporcionar o letramento literário e isso deve ocupar o planejamento dos professores e das instituições, de modo que a prática a ser desenvolvida corresponda às necessidades dos alunos e às suas expectativas.

4 METODOLOGIA

Os procedimentos nesta pesquisa, em andamento, adotados fundamentam-se, em grande parte, pelo viés da pesquisa-ação, visto que nos propomos a “intervir na realidade social”. A metodologia adotada se direcionou pela pesquisa qualitativa, baseada na “descrição” de um “processo” e na “análise indutiva” dos dados (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 38). Na pesquisa-ação, valemo-nos de uma intervenção numa turma de 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública de Pernambuco, de modo a realizar, por meio de seis encontros, conforme está melhor detalhado abaixo, aquilo que é proposto por Cosson (2014b) acerca da “sequência básica”. Como nosso foco esteve sempre direcionado ao letramento e, conseqüentemente, toda a experiência em sala de aula pode ser compreendida como um evento de letramento ajustando-se à noção de “letramentos” em detrimento de um único evento de letramento (STREET, 2014, p. 35), buscamos utilizar na coleta de dados recursos que demonstrassem a validade da experiência. Cabe ressaltar que não exigiremos do aluno a estrutura fixa do cordel, metrificação nos versos,



esquema rígido de estrofes, ou qualquer outro padrão na produção deste. Até porque a experiência não se constituiu numa oficina de cordel, voltada para a produção, mas sim na leitura, discussão, posicionamento crítico. Durante a intervenção, utilizamos de um diário de pesquisa, um caderno onde fomos registrando o decorrer da experiência, além de também anotar as principais colocações orais dos alunos. Assim, os comentários e dúvidas dos alunos não se perderão, uma vez estarem documentados no diário de pesquisa, podendo, em alguns momentos do texto, serem recuperados.

Utilizamos um questionário para a composição do *corpus* da pesquisa, o mesmo pretende analisar o proposto pelo tema: as contribuições do letramento literário na turma do 9º ano. O questionário conta com 06 questões subjetivas aplicadas no último encontro, com caráter avaliativo da experiência. Outro recurso utilizado na ação pedagógica em sala de aula foi a sequência básica proposta por Cosson (2014), em seus estudos de letramento literário. Tendo em vista a importância do letramento literário, ao adotarmos a sequência básica compreendemos “organização de estratégias a serem usadas nas aulas de literatura do ensino básico, oral ou escrito”. (COSSON, 2014, p.48). O cordel selecionado para utilização na sequência básica tinha por foco a biografia da mulher negra, que superara seus obstáculos, entrelaçando assim a história de luta e superação. Estamos falando do cordel; *Carolina Maria de Jesus*, da autora Jarid Arraes. A escolha teve um motivo de ser: aliar o literário ao mundo referencial, aspecto próprio da literatura biográfica.

SEQUÊNCIA BÁSICA E DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

1º Encontro (uma aula). A leitura como motivação. Da reportagem “Menina salva livros ao fugir de enchente em PE e comove a web”, do G1. Globo.com

A menina Rivânia foi resgatada da casa onde mora com os avós após uma enchente, no interior de Pernambuco. A menina quando se viu sua casa tomada pela enchente, correu e levou sua mochila com livros, pois ali estava seu futuro. Fotos da menina de 8 anos segurando mochila com livros emocionaram os brasileiros.

Após leitura da reportagem e seu vídeo, abriu-se uma roda de discussão a respeito da temática acerca da valorização dos estudos e da forma como o cordel e a literatura de um modo geral poderia delegar a importância aos estudos, em meio a alunos desmotivados.

2º Encontro (uma aula). Estudo do cordel selecionado, entre a obra e o autor.
Apresentação da autora Jarid Arraes através de seu blog



(<https://jaridarraes.com/>) além da obra a ser estudada (Os cordel *Carolina Maria de Jesus*.) Neste encontro os alunos não leram, apenas manusearam/ o cordel, folhearam, visualizaram as imagens (não são xilogravuras propriamente ditas). Foi, portanto, um encontro para o contato com a autora e o conhecimento das obras (COSSON, 2014b, p. 57).

3º Encontro (duas aulas). **A Leitura das obras.** A obra *Carolina Maria de Jesus* foi utilizada. A leitura foi realizada de forma compartilhada, conforme Cosson (2014a; 2014b), sendo seguida de uma discussão temática sobre o cordel.

4º Encontro (duas aulas). **A interpretação para produção.** Discussão a sobre as personagens homenageadas no cordel. Diálogo a respeito de sua condição negra e excluída dentro da sociedade. Exposição sobre o caráter biográfico do cordel e sondagem a referente ao conhecimento dos alunos a respeito deste tipo de produção. Estudo sobre as características do cordel. Orientação para a produção, por parte dos alunos, de cordéis biográficos com pessoas da comunidade, da família, enfim, personagens que eles considerassem marcantes e dignos de serem homenageados. Início da produção.

O cordel trata-se da personagem Carolina Maria de Jesus, trata-se não de uma quilombola, mas de uma escritora. Se isto é motivo, por si só para dar a entender que a história das personagens seria diferente, basta iniciar a leitura do cordel para ver que a coisa não é bem assim. Escrevia para atenuar a dor. Até ser descoberta por um jornalista, o qual viu seu diário que registrava dores, racismo, superações e as denúncias do caos social que assola os menos favorecidos, pois, conforme Spivak (2014) “no espaço dialógico entre falante e ouvinte, não se concretiza para o subalterno, sendo assim, entendemos que ele fala, mas é discursado por outro, não tem formas de ser ouvido.”.

Com relação à temática, encontramos a grande ênfase dos textos de Arraes. Engajados na militância feminista e negra, a poetisa faz dos seus poemas os instrumentos com os quais denuncia um histórico de segregação e o preconceito secular da sociedade brasileira. Neste sentido, podem ser considerados como verdadeiros expoentes da literatura afro-brasileira e, principalmente, da luta negra em nosso país.

O referido cordel se adequa aos objetivos de nossa pesquisa, trazendo a atuação social e a construção de conhecimento histórico a partir da literatura. Outro ponto de destaque nos cordéis de Arraes é o fato de não apenas serem textos de literatura negra ou afro-brasileira, mas principalmente por trazerem uma atitude transformadora.

5º Encontro (duas aulas). **A produção do texto literário.** Acompanhamento da produção dos cordéis. Escolha a respeito da apresentação



e organização estética dos cordéis. Orientação individual. (Etapa em desenvolvimento)

6º Encontro (duas aulas). **Etapa final da produção dos cordéis.** Acompanhamento da produção e orientação acerca de possíveis falhas estruturais e ortográficas. Orientação final da escrita. Entrega dos cordéis. Aplicação do Questionário de avaliação da experiência. (Etapa a ser desenvolvida).

REGISTRO DE DADOS

Conforme especificado, a experiência desenvolvida teve como grande arcabouço os passos da sequência básica de Rildo Cosson (2014b). Adotamo-la pelo modo como é dada a aproximação com a obra literária, realizada aos poucos, fazendo com que o aluno se familiarize primeiramente com o tema, o autor e, por fim, com seu texto. Isso acaba fazendo com que o aluno tenha uma vivência diferente daquela proposta pela maioria dos manuais didáticos, que toma o texto como um objeto alienado do todo social.

A partir da sequência básica o aluno pode perceber o texto como produto primeiramente de uma série de determinações sociais e históricas e, além disso, como fruto de uma subjetividade que pretende atuar na sociedade por meio de seus textos.

O primeiro ponto da sequência a ser destacado diz respeito à forma de desenvolver a motivação. Segundo Cosson, a motivação não deve basear-se apenas na leitura, mas também na oralidade (2014b, p. 57). Além disso, outra estratégia defendida por Cosson (2014b) utilizada foi a escrita, porém, neste caso, não se desenvolveu apenas no momento de motivação, mas perpassou toda a experiência, até o momento de interpretação, etapa a posta de andamento.

Quanto ao procedimento da interpretação das obras, vale destacar os fatores da compreensão, enquanto momento de interpretação interior em que o aluno “decifra” as palavras e seus sentidos, e da produção textual interpretação exterior, que é o ato de externar as impressões, compartilhando-as com o grupo (aqui entendida, também, como uma parte do processo interpretativo, em que o indivíduo se coloca no papel de produtor para realizar o mesmo processo de construção de sentidos presente nos textos lidos).

Em termos de leitura, vale destacar a opção por utilizar a leitura compartilhada, prática defendida por Cosson (2014b) como bem mais relevante para o aprendizado do aluno que qualquer opção por aulas conceituais e historiográficas.

O compartilhamento de experiências é algo fundamental numa atividade que se pretende inserida num contexto e relevante para a vida dos alunos. Além do mais, está diretamente ligada ao que foi discutido sobre letramento a respeito da interação, da atuação no âmbito da sociedade, etc. Mas pensando em potencializar ainda mais este compartilhamento, aliamos a leitura compartilhada ao resgate do conhecimento prévio, conforme Cosson (2014a) destaca entre outras estratégias de leitura:

Uma primeira estratégia é a ativação do conhecimento prévio que funciona como uma estratégia-base, pois é usada em todos os momentos de uma leitura e ajuda a realização das outras. Ativar o conhecimento prévio consiste em inserir o texto a ser lido em um contexto, mais ou menos nos termos que descrevemos para as atividades de predição que antecedem a leitura de um texto (COSSON, 2014a, p. 117).

Através do conhecimento prévio, os alunos puderam compreender como suas experiências eram compartilhadas em conjunto, como muito daquilo que conheciam e tinham vivenciado era semelhante àquilo que seus colegas também vivenciaram. “Assim, falas como “A Carolina só podia ser de Jesus, por ter o dom da escrita”, “Pretendo ser escritora e sei que ser negra pode ser um obstáculo, mas o cordel me mostrou que não”, “O que me identifico é que ela escrevia para colocar pra fora sua dor, faço isso no meu diário.” “Carolina foi forte. Ela foi reconhecida e terminou na miséria, isso me entristece, pois fico a pensar se o destino de todos povo negro seria esse.” “ Eu vejo minha mãe em Carolina, ela fez a EJA e estudou pedagogia, trabalha e é muito feliz com o que faz.” “ A minha vó era assim. Negra, discriminada várias vezes, não baixava a cabeça pra ninguém”.

CONCLUSÃO PARCIAL

Através dos cordéis, buscou-se contribuir para a formação de leitores mais críticos, pondo em prática habilidades de leitura e escrita adotadas em razão do conceito de letramento literário. Do ponto de vista da forma e conteúdo, destaque-se que o cordel deve ser mais explorado em sala, tanto pela riqueza de seus aspectos de linguagem literária, quanto por sua relação com a cultura nordestina e brasileira como um todo, não devendo, pois ser negado aos estudantes. O estudo dos textos literários propostos possibilitou nova forma de olhar do aluno/leitor, uma vez que durante a sequência didática este fora inserido no universo dos cordéis, instigando-o a ler e também produzir seus próprios cordéis, dando vida a personagens e construindo outras formas de refletir a respeito das experiências de outras pessoas. Um fator relevante a ser destacado diz respeito ao exercício de leitura e produção do texto cordel pelo aluno, momento em que foi possível verificar que os



alunos são capazes de recriar e ressignificar seus saberes. O letramento literário se efetiva ao passo que o aluno agrega valores à literatura e busca, fora dela, elementos para a compreensão do texto e de outras culturas, aproximando a leitura de sua realidade social. Como um gênero literário brasileiro, o cordel é um recurso privilegiado para essa aproximação, pois, além da musicalidade e da criatividade que muitas vezes convida ao riso, ao interesse por histórias ficcionais e históricas, tende a alinhar uma perspectiva da identidade brasileira à própria identidade do aluno.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Jarid Arraes. **Carolina Maria de Jesus**. 2014.

CAVIGNAC, J. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral**. Natal: EDUFRN, 2006.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014a.

_____. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2014b.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2011.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. São Paulo: Editora Luzeiro, 2012.

PINHEIRO, H. Literatura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos. In: _____. Et al (orgs.). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008. p. 25 – 28.

PRODANOV; C. C.; FREITAS, E. S. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Fevale, 2013.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

<<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/06/menina-salva-livros-ao-fugir-de-enchente-em-pe-e-comove-web.html>>> Acesso em Maio de 2017.